

Psicanálise a céu aberto¹

Magda Guimarães Khouri,² São Paulo
Oswaldo Ferreira Leite Netto,² São Paulo

Resumo: A proposta dos autores é pensar em práticas psicanalíticas “a céu aberto” como possibilidade de escuta analítica voltada àqueles comumente hostilizados ou até ignorados em sua invisibilidade, provocada por um sistema que exclui pessoas. Ao discutir o tema intolerância, fazem uma relação com o conceito de abjeto. Destacam a importância de um dispositivo nas instituições psicanalíticas que ponha o profissional em contato com o contexto em que vivem. Palavras-chave: alteridade, abjeção, comunidade, desigualdade social, escuta psicanalítica, instituição psicanalítica

Ato psicanalítico

José chegou ao Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo) para tentar saber o que “essa tal de psicanálise” poderia lhe oferecer. Nunca ouvira falar disso antes em sua curta existência: tinha 21 anos na época, já com um filho de quase 1 ano; trabalhava na feira, na rua, como ambulante informal. Negro, vendia limões e se instalava ao lado de uma banca de jornais que, na vitrine lateral, ostentava exemplares de uma revista a cada número apresentando um autor psicanalítico: Winnicott, Bion, Lacan, Freud. Espírito inquieto, curioso, pediu informações e foi se convencendo de que o tipo de referências que lhe davam fazia sentido para suas inquietações: intuitivamente percebia a existência de um mundo interno, sua realidade psíquica. Pôde ser escutado por um psicanalista algumas vezes e sentiu-se muito grato.

Outro José, caboclo cearense, do longínquo interior, em São Paulo desde os 17 anos, exerceu diferentes tipos de trabalho braçal em 35 anos de cidade grande. Faz uma parada para descansar e “ver o movimento” numa sexta-feira à tarde, no Centro Cultural São Paulo, e se interessa por uma atividade ali desenvolvida por alguns psicanalistas da SBPSP – Converse com o Psicanalista. Aguarda sua vez tirando o boné e abanando-se para refrescar-se. Reverente,

- 1 “Psicanálise a céu aberto” – fórum *on-line* que funcionou de novembro de 2015 a fevereiro de 2016, projeto da Diretoria de Comunidade e Cultura da Fepal (2014-2016). Uma proposta para pensar sobre o fazer do psicanalista em diferentes espaços, um fazer pautado numa escuta coletiva e voltado aos núcleos da saúde e da cultura, explorando assim temas que nos põem em confronto com os fenômenos do mundo, ainda inusitados para nós.
- 2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.

espera o chamado para aproximar-se e instalar-se na poltrona que ficara vaga diante do profissional que ocupa a outra, em frente, num canto de uma área de exposição de artes plásticas: “Estou voltando para o Ceará. Vi que vocês devem ter alguma coisa a ver com as autoridades, o governo, a prefeitura.”

“Ganhei minha vida em São Paulo. Sou grato”, continua ele, boné nas mãos, respeitoso. Explica que quer, em agradecimento, dar algumas sugestões. Comenta que o problema do paulistano é a surdez: ninguém ouve ninguém! Ao perceber o interesse e disponibilidade do interlocutor em ouvir,³ diz:

O senhor escuta, está me escutando. Mas não estou falando de problema de cabeça, estou falando do ouvido mesmo! É surdez, as pessoas não se comunicam porque a cidade é barulhenta e arruína os ouvidos! O prefeito precisa fazer audiometria em todo mundo! O senhor pode ouvir daqui o barulhão da Vinte e Três de Maio aí embaixo! Prejudica o ouvido de todo mundo!

O analista fica admirado com a explicação “neurofisiológica” para a incomunicabilidade urbana!

Desde sua origem, observa-se que a prática do psicanalista tem um campo de ação que não se restringe ao consultório privado.

Uma das diretrizes fundamentais de uma instituição psicanalítica, que possibilita trocas entre seus participantes e é responsável pela transmissão da psicanálise e pela formação de novos analistas, é propiciar a seus membros o contato com o mundo em que vivemos, com a comunidade em que estamos inseridos, a realidade que nos cerca. O que traz como consequência a necessidade de que a psicanálise desenvolva estilos diferentes conforme a região em que se estabeleça.

A prática mantém-se viva, põe-se à prova, volta-se para o desconhecido e o novo, fiel a sua missão original e aos ideais de seu criador, que identificou forças internas que nos aprisionam e limitam nossas potencialidades criativas; alimenta-se da realidade para melhor compreendê-la e contribuir para que se ampliem os horizontes daqueles de que se aproxima.

Como grupo, corremos o risco de enrijecimento, de dogmatismo, de nos alinharmos com práticas normatizadoras e/ou patologizadoras, de controle social. Nada mais contrário às possibilidades analíticas, cuja maior potência é transformar uma conversa comum em um discurso metafórico, sempre como guardião da liberdade do sujeito na sua forma mais radical.

É fundamental um dispositivo institucional que ponha analistas em contato com a realidade em que vivem, que propicie experiências como as relatadas antes, às quais podemos responder psicanaliticamente.

3 Este atendimento foi realizado por um dos autores, Oswaldo Ferreira Leite Netto.

Alteridade

Entre as experiências que valorizamos, a que diz respeito ao encontro com a diferença, com os diferentes, tem lugar de destaque – fenômeno que, num país como o nosso, em que há tanta desigualdade, apresenta-se constantemente, conforme os lugares e situações do cotidiano, na aproximação com pessoas.

O analista está disponível para o outro, para escutá-lo, equipado com esse estado de espírito que o estudo da metapsicologia, a incorporação do método psicanalítico, a própria análise pessoal e sua experiência propiciaram. Somos assim tolerantes? Ou podemos estar completamente fora desse ideal mesmo que empenhados em respeitar o próximo? A aceitação da alteridade é questão psicanalítica examinada por Freud. Em *O mal-estar na civilização*, por exemplo, o autor lida com o conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*, em que reconhecer a diferença no outro encontra resistência no amor a si mesmo.

Há o texto de 1919 “Das Unheimliche” (O estranho familiar). As traduções (“O inquietante”, “O sinistro”, “O perturbador”, “O estranho”) tentam dar conta desse sentimento consternador. No inquietante haveria algo de familiar. Freud aí chama de *Unheimliche* a impressão assustadora “que se liga às coisas conhecidas há muito tempo e familiares desde sempre”. Essa impressão surge na vida cotidiana quando complexos infantis, recalçados, são despertados. Reativam-se forças primitivas que o homem civilizado parece ter esquecido ou que acredita ter superado. Seres inanimados adquirem vida, objetos sem vida parecem vivos. Lacan (1962-1963/2005), em *O Seminário, livro 10: A angústia*, apoiou-se nesse trabalho de Freud para compreender a angústia que surge quando o sujeito é confrontado com a *falta da falta*, com uma alteridade onipotente que o invade a ponto de destruir nele qualquer faculdade de desejar. Tenta-se, assim, compreender o que nos causa abjeção, as coisas que nos causam horror, principalmente a própria morte. Um cadáver, partes de um corpo, corpos esquartejados nos lembram nossa fragilidade e finitude, a inevitabilidade da morte. O objeto é o que nos transtorna, o que nos presentifica o que há de mais primitivo em nossa vida psíquica.

A abjeção pode ser considerada como um conceito que tem importância clínica em psicanálise. O abjeto é manifestação de uma cisão entre o eu e o outro, e possibilita a compreensão da defesa contra uma ameaça forte e exagerada, que parte de nós mesmos, que nos enche de temor e repugnância.⁴

A intolerância, a hostilidade que certas pessoas ou situações humanas podem provocar, tem na abjeção sua origem e constituição. Pessoas e grupos

4 Como suporte conceitual da presente reflexão nos remetemos ao texto “A incômoda performatividade dos corpos abjetos”, de Eduardo Martins, Rodrigo Lage, Oswaldo Ferreira Leite e Tiago Porto, desenvolvido no Grupo de Estudos de Psicanálise e Homossexualidade, da SBPSP. O trabalho foi apresentado por Tiago Porto no 31º Congresso Latino-Americano de Psicanálise da FEPAL, Corpo (14 a 17 de setembro de 2016).

podem ser afetados na formação de suas identidades através desse fenômeno, que, para além do indivíduo, tem uma dimensão política.

Judith Butler (2015) propõe-nos a ideia de que indivíduos, para serem reconhecidos, precisam ser considerados como tendo valor, diante de outras vidas que não importam, que ficam excluídas, postas à margem, periféricas.

Abjeto é o que não goza do *status* de sujeito, que pode ameaçar identidades, sistemas, ordens. Limites e regras não são respeitados pelo abjeto. Portanto, os espaços que ocupa são os ilegítimos, os inabitáveis, os sem importância. Não tem o *status* da alteridade. Simplesmente não pode existir e não faz sentido. São as exceções numa determinada cultura que se pensa universal. Em nosso ambiente, negros, homossexuais, transexuais, favelados, drogados, moradores de rua, imigrantes em geral.

Territórios da escuta psicanalítica

Pensar em práticas psicanalíticas “a céu aberto” é pensar em possibilidades de escuta analítica voltadas àqueles comumente hostilizados ou até ignorados em sua invisibilidade provocada por um sistema que exclui pessoas, as quais são atingidas em sua constituição como sujeitos.

A ideia de Fabio Herrmann (Barone *et al.*, 2015), de uma clínica extensa, que nos permita levar o método psicanalítico para situações que vão além dos domínios do consultório e atuar em diferentes territórios, embasa essas propostas, que podem ser sistematizadas e implantadas por um setor na instituição psicanalítica que pense o atendimento à comunidade.

É preciso valorizar e incentivar a necessidade de o analista pôr-se à prova, aproximando-se e vivenciando a questão da existência de pessoas que enfrentam a exclusão, a condição de abjeção. As dificuldades com a diferença e a intolerância são assunto psicanalítico.

O encontro analítico é um ato vivo, em que a especificidade da nossa escuta está em “possibilitar a tessitura de pontes simbólicas para o pulsional” (Vetorazzo, 2013, p. 83), pois, justamente, é pelas vias das intensas exigências do inconsciente e da sexualidade que se criam caminhos para o processo de historização do sujeito. Longe de ser uma conversa explicativa ou normatizante, trata-se de um campo em que se leva em consideração o estranho que nos habita, gerando trabalho psíquico que, por sua vez, amplia o repertório psíquico do sujeito. E, ao transitar em diferentes territórios, o psicanalista é convocado a criar formas de trabalhar compatíveis com a realidade encontrada, que, aliás, é um movimento totalmente alinhado com o método psicanalítico, que é a constante busca de sentido em cada situação vivida.

A vivência de abjeção demanda um trabalho delicado de recuperação e reafirmação de uma identidade frágil e tornada inconsistente por um fenômeno

que se instala além do indivíduo, politicamente, excluindo tudo o que ameaça as fronteiras sociais estabelecidas nas grandes cidades e em nosso país, em que reina tanta desigualdade.

Psicoanálisis a cielo abierto

Resumen: La propuesta de los autores es pensar en prácticas psicoanalíticas “a cielo abierto” como posibilidad de escucha analítica direccionada hacia aquellos generalmente hostilizados o, incluso, ignorados por su invisibilidad que es producto de un sistema que excluye personas. Al discutir el tema de la intolerancia hacen una relación con el concepto de abyecto. Destacan la importancia de que las instituciones psicoanalíticas posean un dispositivo que coloque a los profesionales en contacto con la realidad en la cual viven.

Palabras clave: alteridad, abyecto, comunidad, desigualdad social, escucha psicoanalítica, institución psicoanalítica

Psychoanalysis under the open sky

Abstract: The authors propose a reflection on psychoanalytic practices under the open sky. According to this paper, those practices may enable psychoanalysts (and their psychoanalytic listening) to reach those individuals who are usually marginalized, or even ignored in their invisibility – an invisibility which arises from a social and economic system that excludes people. The authors show a relation between intolerance and the concept of abjection as they discuss the issue of intolerance. This paper emphasizes the importance of an apparatus, in the psychoanalytic institution, that puts psychoanalysts in touch with the reality in which they live.

Keywords: alterity, abjection, community, social inequality, psychoanalytic listening, psychoanalytic institution

Psychanalyse à ciel ouvert

Résumé: La proposition des auteurs est de penser aux pratiques psychanalytique “à ciel ouvert”, comme une possibilité d’écoute analytique destinée à ceux qui sont souvent harcelés ou même ignorés dans son invisibilité, causée par un système qui exclut les gens. Lors de la discussion du sujet de l’intolérance, ils font une association avec le concept d’abjection. Ils mettent en évidence l’importance d’un dispositif dans les institutions psychanalytiques qui place le professionnel en contact avec la réalité dans laquelle ils vivent.

Mots-clés: altérité, abjection, communauté, inégalité sociale, l’écoute psychanalytique, institution psychanalytique

Referências

- Barone, L. M. C. *et al.* (2015). *A psicanálise e a clínica extensa* (pp. 17-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Butler, J. (2015). *Quadros de Guerra – Quando a vida é passível de luto?* São Paulo: Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1976). O “estranho”. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na Civilização. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Vetorazzo, H. (Org.) (2013). *Por uma psicanálise viva* (Comissão de Publicação Departamento Formação em Psicanálise). São Paulo: Primavera Editorial.

Magda Guimarães Khouri
magdakhouri@uol.com.br

Oswaldo Ferreira Leite Netto
oswnetto@uol.com.br

Recebido em: 18/12/2016
Aceito em: 20/12/2016